

Jornalismo: teoria e prática

PENA, Felipe
Teoria do Jornalismo
São Paulo: Contexto, 2005, 235 p.

Por Tattiana Teixeira

Livros e pesquisas que analisam e compreendem o campo do jornalismo são produzidos no Brasil desde, pelo menos, a década de 20 do século passado, com maior desenvolvimento a partir dos anos 60/70. Apesar disto, só em meados dos anos 90 os principais cursos de graduação criaram cadeiras específicas para discutir Teoria do Jornalismo e, mais de dez anos depois, chega ao mercado um livro homônimo, escrito por um brasileiro, que visa revisar o que se convencionou chamar de *Teorias do Jornalismo*. Certamente, este é um dos méritos do livro de Felipe Pena, professor da Universidade Federal Fluminense, que sistematiza parte do que se produziu no Brasil e no exterior sobre este campo de conhecimento e serve como um ponto-de-partida para alunos de graduação e pesquisadores em formação. Um propósito comprovado pela indicação de obras para leitura complementar ao final de cada tópico,

em destaque. Ainda que seja possível questionar os critérios de seleção e a ausência de livros clássicos, esta iniciativa é importante por incentivar a valorização conceitual do jornalismo e a busca por bibliografia complementar.

Escrito em primeira pessoa e sem os tradicionais estratagemas dos textos acadêmicos, o livro é um esforço louvável do pesquisador para aliar teoria e prática a partir, sobretudo, de experiências pessoais. Tanto assim que faz questão de reforçar esta proposta desde a introdução, quando afirma, seguindo um discurso cada vez mais defendido no campo, que “os currículos dos cursos devem articular teoria e prática e não separá-las em blocos monolíticos, sem intercâmbio” (página 13). O que chama a atenção é o fato do autor seguir, na organização da obra, um modelo que, de algum modo, acaba por sugerir uma certa dicotomia. O livro está di-

vidido em três partes, sem contar introdução e conclusão, mas apenas uma, específica, traz no título o que chama de *teorias*, enquanto a primeira, “conceitos e histórias”, é onde há maior referência ao trabalho dos jornalistas, destacando tópicos como lide, gêneros, fontes, objetividade, ética e responsabilidade.

Ao fazer esta opção, o autor parece deixar claro que tais temas merecem uma reflexão teórica, embora, em função da opção organizacional da obra, não possa se aprofundar conceitualmente na discussão deles, o que não deixa de ser um prejuízo a uma das propostas do livro, qual seja, mostrar que por trás da prática e de suas regras existe teoria para além das convenções tradicionais. Esta parte do livro também reúne algumas das afirmativas e questões mais arrojadas do autor e que longe estão de serem consensuais. Para Pena, por exemplo, “a natureza do jornalismo está no medo. O medo do desconhecido, que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer” (página 23). É também nesta seção que o autor discute a noção de tempo e do novo no jornalismo, a objetividade – nestes casos sem revisar as inovadoras contribuições de pesquisadores brasileiros - e até as classificações clássicas dos gêneros.

Os empréstimos teóricos e conceituais são uma marca de toda a obra, o que se torna mais evidente no segundo capítulo, “Teorias e críticas”, espécie de resumo do que se chama no Brasil e em Portugal de “teorias do jornalismo”, estudos oriundos de campos distintos como psicologia e sociologia e que, apesar da inegável qualidade e pertinência, longe estão de darem

“Para Pena, a natureza do jornalismo está no medo. O medo do desconhecido, que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer.”

conta da complexidade do fenômeno jornalístico para além de aspectos bastante específicos. Assim como os autores portugueses mais citados no Brasil, Felipe Pena utiliza como referência os textos fundadores destas hipóteses, alguns deles reunidos em coletâneas, e não se aprofunda na evolução destes estudos e pesquisas ao longo dos últimos 20 anos e, mais do que isto, nas críticas que lhes foram feitas durante este mesmo período. Sem se preocupar com tais polêmicas, Pena, já no primeiro capítulo, evidencia a importância que dá aos estudos oriundos da sociologia do jornalismo - ao afirmar que a pergunta mais importante da teoria do jornalismo está relacionada aos critérios utilizados pelos jornalistas para decidir o que é ou não notícia (página 71) -, sem, no entanto, definir claramente o que é o jornalismo.

Apesar de seguir caminhos já trilhados por autores como Traquina, Wolf e Sousa, Pena inova ao propor o que chama de “Teoria dos Fractais Biográficos”, termo criado pelo pesquisador, em sua tese de doutorado, que defende novas formas de narrativa para as biografias, capazes de superar o que chama de relatos diacrônicos. Também destaca-se, no mesmo capítulo, a “teoria gnóstica”. Para Pena, “as notícias têm uma estrutura de valores que são compartilhados pelos jornalistas entre si, embora carreguem ecos da interação com a sociedade. Esse compartilhamento é nitidamente uma operação gnóstica, com ritos de passagem e forte conotação de conhecimento secreto, só acessível a uns poucos iniciados, os próprios jornalistas” (página 141). Aceitando-se tal “teoria” como pos-

sível, cabe perguntar, entre outras coisas, qual seria a função das escolas de jornalismo neste contexto – já que o autor defende que o aprendizado se dá através de rituais de iniciação - e, mais que isto, como teoria e prática do jornalismo podem se articular para compreender estes saberes restritos.

Em “Tendências e Alternativas”, penúltimo capítulo, o autor volta a versar sobre técnicas e práticas, desta vez para falar de temas como jornalismo cívico, jornalismo investigativo e reportagem assistida por computador. É também aqui que Pena dedica mais de dez páginas – algo raro em toda a obra – a um só tema: cobertura de guerra. Jornalismo digital, jornalismo comunitário, jornalismo científico e imprensa universitária são outros tópicos abordados no capítulo que, em boa medida, faz a defesa do exercício profissional em sintonia com uma função social capaz de sobrepor-se à noção mercadológica, comercial da notícia. Esta intenção fica clara logo no início, quando Pena escreve sobre *jornalis-*

mo de resistência.

Ciente de que a prática profissional pode ser aperfeiçoada e da importância das discussões teóricas para que se alcance maior qualidade na produção das notícias, Pena traz à tona temas controversos e que fazem parte do universo diário dos jornalistas. Quando defende o jornalismo enquanto campo específico do conhecimento, e, ao mesmo tempo, como profissão cujo exercício deve ser pautado na ética e na responsabilidade, sobretudo para com o público, Felipe Pena estimula um debate que, sem dúvida, pode contribuir para a formação dos profissionais do campo do jornalismo.

Sobre a autora

Jornalista e Doutora em Comunicação, professora no Departamento de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina e editora da revista científica Pauta Geral.